



A Santa Sé

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II NO SOLENE RITO DE BEATIFICAÇÃO

7 de Março de 1999

1. «*Quem beber da água que Eu lhe der jamais terá sede*» (Jo 4, 14).

Neste domingo, terceiro da Quaresma, o encontro de Jesus com a Samaritana junto do poço de Jacob constitui uma extraordinária catequese sobre a fé. Aos catecúmenos que se preparam para receber o Baptismo e a todos os crentes que se encaminham para a Páscoa, o Evangelho mostra neste dia a «água viva» do Espírito Santo que regenera o homem interiormente, fazendo-o renascer «a partir do alto» para a vida nova.

A existência humana é um «êxodo» da escravidão rumo à terra prometida, da noite para a vida. Neste caminho experimentamos às vezes a aridez e a fadiga da existência: a miséria, a solidão, a perda de significado e de esperança, a tal ponto que também a nós, como aos Hebreus a caminho, pode suceder que nos perguntemos: «O Senhor está ou não no meio de nós?» (Êx 17, 7).

Também aquela mulher de Samaria, tão provada pela vida, terá pensado muitas vezes: «Onde está o Senhor?». Até que um dia encontra um Homem que lhe revela, a ela mulher e mais ainda samaritana, isto é, duplamente desprezada, toda a verdade. Num diálogo simples, Ele oferece-lhe o dom de Deus: o Espírito Santo, fonte de água viva para a vida eterna. Manifesta-Se-lhe a Si mesmo e anuncia-lhe o Pai, que quer ser adorado em espírito e verdade.

2. Os santos são os «verdadeiros adoradores de Deus»: homens e mulheres que, como a samaritana, encontraram Cristo e descobriram, graças a Ele, o sentido da vida. Eles experimentaram pessoalmente aquilo que diz o apóstolo Paulo na segunda Leitura: «O amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi concedido» (Rm 5, 5).

Também nos novos Beatos a graça do Baptismo trouxe a plenitude do seu fruto. Eles beberam a tal ponto da fonte do amor de Cristo, que por ela foram intimamente transformados e, por sua vez, se tornaram fontes transbordantes para a sede de muitos irmãos e irmãs, encontrados ao longo da estrada da vida.

3. «Justificados, pois, pela fé, tenhamos paz com Deus [...] e nos gloriemos, apoiados na esperança da glória de Deus» (*Rm 5, 1-2*). Hoje, ao proclamar Beatos os mártires de Motril, a Igreja põe nos seus lábios estas palavras de São Paulo. Com efeito, *Vicente Soler* e os seus seis companheiros agostinianos recolectos e *Manuel Martín*, sacerdote diocesano, obtiveram mediante o testemunho heróico da sua fé o acesso à «glória dos filhos de Deus». Eles não morreram por uma ideologia, mas entregaram livremente a sua vida por Alguém que já antes morrera por eles. Deste modo, devolveram a Cristo o dom que d'Ele haviam recebido.

Mediante a fé, estes simples homens de paz, alheios ao debate político, trabalharam durante anos em territórios de missão, passaram por muitos sofrimentos nas Filipinas, regaram com o seu suor os campos do Brasil, Argentina e Venezuela, fundaram obras sociais e educativas em Motril e noutras partes da Espanha. Tendo chegado o momento supremo do martírio, pela fé enfrentaram a morte com ânimo sereno, confortando os outros condenados e perdoadando os seus algozes. Como isto é possível? - perguntamo-nos e Santo Agostinho responde-nos: «Porque Aquele que reina nos céus dirigia a mente e a língua dos seus mártires, e por meio deles vencida na terra» (*Sermão 329, 1-2*).

Bem-aventurados sois vós, mártires de Cristo! Que todos se alegrem pela honra tributada a estas testemunhas da fé. Deus ajudou-os nas suas tribulações e deu-lhes a coroa da vitória. Oxalá eles ajudem aqueles que hoje trabalham na Espanha e no mundo em favor da reconciliação e da paz!

4. O povo que estava acampado no deserto tinha sede, como nos narra a primeira leitura, tirada do livro do *Êxodo* (cf. 17, 3). O espectáculo do povo espiritualmente sedento estava também sob o olhar de *Nicolau Barré*, da Ordem dos Mínimos. O seu ministério colocava-o continuamente em contacto com pessoas que, vivendo no deserto da ignorância religiosa, corriam o perigo de ir beber na fonte corrompida de algumas ideias do seu tempo. Eis por que ele sentiu o dever de se tornar um mestre espiritual e um educador para todos aqueles que alcançava com a sua acção pastoral. Para ampliar o seu raio de acção, fundou uma nova família religiosa, as Irmãs do Menino Jesus, com a missão de evangelizar e educar a juventude abandonada, a fim de lhe revelar o amor de Deus e comunicar em plenitude a Vida divina, e de contribuir para a edificação das pessoas.

O novo Beato não cessou de enraizar a sua missão na contemplação do mistério da Encarnação, pois Deus sacia a sede daqueles que vivem em intimidade com Ele. Mostrou que uma acção feita em nome de Deus não podia deixar de unir a Deus, e que a santificação passa também através do apostolado. Nicolau Barré convida cada um de nós a ter confiança no Espírito Santo, que guia o Seu povo no caminho do abandono a Deus, da abnegação, da humildade, da perseverança mesmo nas provações mais difíceis. Essa atitude abre à alegria da caminhada rumo à experiência da acção poderosa de Deus vivo.

5. Se, enfim, dirigimos o olhar para a Beata *Ana Schäffer*, lemos imediatamente a sua vida como um comentário vivo daquilo que escreveu São Paulo: «A esperança não nos deixa confundidos porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi concedido» (*Rm 5, 5*).

Quanto mais a sua vida se tornava um caminho de sofrimento, tanto mais forte ela se tornava, consciente de que a doença e a debilidade podiam ser as linhas com as quais Deus escrevia o Seu evangelho. Chamava o seu quarto de doente o «laboratório do sofrimento», a fim de se tornar sempre mais conforme à cruz de Cristo. Ela falava de três

chaves celestes, que Deus lhe deu. «A maior, que é de ferro bruto e muito mais pesada que as outras, é o meu sofrimento. A segunda, é a agulha e a terceira, a caneta. Com estas três chaves quero trabalhar fielmente todos os dias, para conseguir abrir a porta do céu».

Entre dores atrozes Ana Schäffer tornou-se consciente de quanto cada um dos cristãos é responsável pela santidade do seu próximo, e por isso ela tem necessidade da caneta. O seu leito de doença torna-se lugar dum amplo apostolado através da correspondência. As poucas forças que lhe restam, dedica-as aos bordados a fim de proporcionar alegria aos outros. Seja quando escreve seja quando borda, o seu motivo preferido é o coração de Jesus, símbolo do amor de Deus. Representa as chamas, que saem do coração de Jesus, não como línguas de fogo, mas como espigas de trigo. A referência à Eucaristia, que Ana Schäffer recebe quotidianamente do seu pároco, é única e inconfundível. O coração de Jesus, assim representado, será por isso o atributo da nova Beata.

6. Caríssimos Irmãos e Irmãs, demos graças a Deus pelo dom destes novos Beatos. Eles, apesar das provações da vida, não endureceram o próprio coração, mas escutaram a voz do Senhor, e o Espírito Santo cumulou-os do amor de Deus. Puderam assim experimentar que «a esperança não engana» (*Rm 5, 5*). Foram como que árvores plantadas ao longo do curso de água, que no tempo oportuno produziram frutos abundantes (cf. *Sl 1, 3*).

Por esta razão hoje, ao admirar o testemunho deles, a Igreja inteira aclama: Senhor, Vós sois verdadeiramente o Salvador do mundo, sois a rocha de onde brota a água viva para a sede da humanidade!

Dai-nos sempre, Senhor, desta água, para conhecermos o Pai e O adorarmos em Espírito e Verdade. Amém!

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana